

AS CONTRIBUIÇÕES DO GESTOR ESCOLAR PARA A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

(Maio de 2008)

Clara Augusta Cesário Pereira
Grazielle Rocha França

AUPEX – Assessoria Universitária Pedagógica de Extensão (Brasil)

Orientadora:

Prof^a MSc Tania Sueli Fantini

Contactos:

gazirf@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo analisar as contribuições do gestor escolar para a organização dos espaços nas escolas de Educação Infantil. Buscamos responder as seguintes questões: Como os espaços organizados influenciam na aprendizagem? Quais as contribuições do gestor escolar para organizá-los? Acreditamos que organizar o espaço interno e externo da escola incentiva as experiências corporais, afetivas, sociais e lingüísticas das crianças. Para responder as questões norteadoras e fundamentá-las realizamos várias leituras que relacionaram o tema proposto à teoria. Constatamos que como as crianças precisam experimentar ambientes diferentes, a escola tem que ser um local interessante. Por isso, o gestor escolar juntamente com os professores, pais e comunidade, deve planejar e criar um ambiente onde as crianças possam brincar, descobrir, aprender e respeitar.

Palavras-chave: Gestor escolar, organização de espaços, educação infantil

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pela organização dos espaços nas creches e nas escolas, iniciou durante nossas vidas acadêmicas e atividades dos estágios curriculares supervisionados, no qual observando como as crianças cantam, dançam, e brincam com diversos materiais em diferentes espaços, constatamos o quanto os espaços favorecem a aprendizagem infantil.

Com o trabalho em questão, desejamos analisar as contribuições do gestor escolar na organização dos espaços das escolas de Educação Infantil. Para tanto, pretendemos abordar como os espaços organizados influenciam na aprendizagem das crianças, e quais são as contribuições do gestor para organizá-los.

Miranda (2007) afirma que as creches e a pré-escola devem ser um ambiente estimulante, seguro e acessível para promover o desenvolvimento da criança. Para tanto, Barbosa e Horn (2001) apontam que o educador deve observar com o que as crianças brincam; como as brincadeiras são desenvolvidas; o que mais gostam de fazer; o que lhes chama mais atenção; em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados... Para que possa escolher que tipo de espaço organizar.

Bassi e Giacomini (2007) mostram que a organização dos espaços deve privilegiar os processos de conhecimentos das crianças e as diversas estratégias cognitivas adotadas por elas. Andrejew (2007) afirma que os espaços organizados contribuem para estimular a autonomia e o equilíbrio corporal; ajudam a conhecer o mundo.

Para Barbosa e Horn (2001) ao organizar um espaço os educadores necessitam considerar que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Assim, devemos entender que uma organização adequada do espaço e dos materiais disponíveis na sala de aula será fator decisivo na construção da autonomia intelectual e social das crianças.

Ressaltamos que o número de crianças, a faixa etária, as características do grupo e o entendimento de que a sala de aula não é prioridade do educador e que, portanto, deverá ser pensada e organizada em parceria com o grupo de alunos e com os educadores que atuam com este grupo de crianças, é absolutamente relevante.

Bassi e Giacomini (2007) defendem a idéia da educação participativa. Para que tal educação ocorra, o gestor escolar precisa convidar os professores, pais e a comunidade a melhorar a infraestrutura da escola e a qualidade do trabalho pedagógico. Usando a criatividade podem suprir a carência de recursos, ou unidos podem reivindicar na prefeitura para fazerem parte do orçamento participativo do município.

Na fundamentação teórica do artigo em questão discutiremos sobre a organização dos espaços na creche e na escola da infância, levando em conta as faixas etárias das crianças e os tipos de arranjo do espaço físico; sobre a participação da família na educação formal das crianças; e por fim, sobre as contribuições do gestor escolar para a organização dos espaços nas escolas de Educação Infantil. No último capítulo, destinado às considerações finais, uma conclusão a respeito do tema abordado será realizada, bem como, serão feitas recomendações para trabalhos futuros, a fim de que o trabalho aqui realizado não se esgote, e sirva de fonte de inspiração para outros pesquisadores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA CRECHE E NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Bassi e Giacomini (2007) explicam que na creche e na escola da infância, o preparo de contextos de brincadeiras e de experiências assume importância particular e é responsabilidade pedagógica do professor. Frazatto (1998) explica que na Educação Infantil cabe ao educador equilibrar as atividades pedagógicas e as brincadeiras entre os momentos de maior concentração e pouco movimento físico com aqueles mais agitados, em que as crianças se movimentam com liberdade.

Barbosa e Horn (2001) asseguram que as atividades infantis devem ser organizadas tendo presentes às necessidades biológicas das crianças como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária. Carvalho e Meneghini (1998) garantem que o educador organiza o espaço de acordo com os seus conhecimentos sobre educação infantil e conforme seus objetivos, mesmo sem perceber. Bassi e Giacomini (2007) falam que a organização dos espaços deve privilegiar os processos de conhecimentos das crianças e as diversas estratégias cognitivas adotadas por elas.

Para Miranda (2007, p. 19) “o espaço tem que ser lúdico, dinâmico, vivo, onde ela brinque, se alimente, tome banho e conte histórias” [...]. Segundo Andrejew (2007), os espaços organizados contribuem para estimular a autonomia e o equilíbrio corporal; ajudam a criança a conhecer o mundo.

Segundo David e Weinstein (1987) citados por Carvalho e Rubiano (1996), os ambientes construídos para crianças devem atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, para que promovam: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, como também, oportunidade para o contato social e a privacidade.

Quanto à promoção da identidade pessoal, David e Weinstein (1987) apud Carvalho e Rubiano (1996) explicam que a identidade de lugar está ligada à identidade pessoal, por isso, a escola necessita oferecer às crianças oportunidades para desenvolverem a sua individualidade.

Para os referidos autores, o ambiente infantil precisa dar oportunidade à criança desenvolver domínio e controle do seu *habitat*, fornecendo instalações físicas que satisfaçam as necessidades dos pequenos, para que suas competências sejam desenvolvidas.

Já em relação às oportunidades de promover crescimento, os autores citados explicam que a escola deve facilitar o desenvolvimento cognitivo, social e motor das crianças. O ambiente deve fornecer oportunidade às crianças andarem, correrem, subirem, descerem e pularem; bem como, deve estimular os sentidos. Desta maneira, têm sido recomendadas as atividades em espaços abertos, para que as crianças sintam as variações do vento, o cheiro das flores, a textura da grama; para que elas ouçam o cantar dos passarinhos, enfim, aprendam com as influências da natureza.

Conforme David e Weinstein (1987) apud Carvalho e Rubiano (1996) os ambientes escolares precisam proporcionar à criança a sensação de conforto, confiança e segurança. Assim, os autores explicam que modificações no ambiente podem ser realizadas quando a iluminação, a ventilação, as cores, os espaços físicos, quando esses não proporcionam a sensação de lugar confortável.

E por último, os ambientes escolares devem promover oportunidades para o contato social e a privacidade. Carvalho (1998) ressalta que nas salas que oferecem proteção e privacidade, o ambiente auxilia a criança a prestar atenção e a se concentrar na atividade e no comportamento do colega, aumenta a chance de brincarem juntos e de desenvolverem a atividade por mais tempo.

Para David & Weinstein (1987) a organização da sala de aula tem influência sobre os usuários determinando em parte o modo como os professores e os alunos pensam, sentem e se comportam. Desta forma, um planejamento cuidadoso do ambiente físico é parte integrante de um bom manejo do ensino, pois dependendo da maneira como estão dispostos, os materiais, objetos e móveis podem, ou não, influenciar no desenvolvimento das crianças.

Ressaltamos que quando se planeja e organiza o espaço em função das crianças, propiciamos para elas a brincadeira, a autonomia e as interações, e acabamos possibilitando seu desenvolvimento, a ampliação e a construção de conhecimentos. Contudo, quando o espaço não se é planejado, nem organizado, podemos estar bloqueado o desenvolvimento destes aspectos.

A organização do espaço pretende tirar o adulto do centro do processo e permitir que as crianças brinquem concomitantemente com diferentes materiais, sem precisar necessariamente da presença do educador. Estruturando o espaço, este fica mais agradável: as crianças aproveitam

mais para brincar, ao mesmo tempo em que as regras vão se estabelecendo e o grupo vai se constituindo.

Conforme Oliveira et al. (1992), o arranjo do espaço para ampliar as oportunidades de contato e interações sociais pode ser feito pela colocação de zonas de atividades delimitadas por divisórias baixas. A educadora pode propor as atividades sem centralizar ao seu redor todas as crianças, gerando um tempo de espera; ou seja, ao arrumar a sala com algumas crianças, favorece a interação entre as demais crianças.

A sala organizada em zonas de atividades delimitadas por divisórias baixas, permite tanto brincadeiras movimentadas, como descer, subir, saltar, como também, brincadeiras de linguagem. O essencial no uso deste espaço é que se descentralize a figura da educadora, que passa a atuar como um elemento facilitador da interação das crianças em atividades e brincadeiras, sem depender tanto da mediação do adulto. Este fica mais disponível para observá-las e estabelecer um contato individual mais efetivo com alguma criança ou grupo de crianças que o procure ou perceba precisar de uma atenção especial. (ROSSETTI-FERREIRA e ELTINK, 1998)

Conforme Friedmann (2003) móveis, paredes, tetos, espelhos, carpetes, almofadas, mesas, bancadas, prateleiras, cores, janelas, cortinas, higiene, decoração, organização, documentação das crianças, são reflexos da proposta educacional, da organização diária e das escolhas das educadoras.

Para Barbosa e Horn (2001) ao organizar um espaço os educadores necessitam considerar que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Assim, devemos entender que uma organização adequada do espaço e dos materiais disponíveis na sala de aula será fator decisivo na construção da autonomia intelectual e social das crianças.

A organização do espaço deve ser realizada de acordo com o número de crianças, a faixa etária e as características do grupo. Barbosa e Horn (2001) apontam que a sala de aula deve se organizar em parceria com o grupo de alunos e com os demais educadores que atuam com este grupo de crianças. Além disso, os autores citados esclarecem que é importante o contato com as famílias das crianças, com seu lugar de moradia e lazer para pensar em formas de organização do ambiente e estabelecer princípios quanto ao uso deste ambiente.

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (2004) a boa organização dos espaços e uma seleção adequada dos materiais facilitam não somente o desenvolvimento do aluno, como também a atuação do professor em sala de aula. Tal referencial propõe que os se avalie a escolha desde o tipo de mobiliário até a utilização dos espaços externos.

Assim sendo, no subcapítulo a seguir abordaremos sobre a estruturação das salas de aula em ambientes cobertos. Logo em seguida, discutiremos a organização dos espaços de acordo com

a faixa etária das crianças. Por fim, apresentaremos a organização dos espaços em ambientes abertos.

Estruturando a sala: tipos de espaço físico em ambiente coberto

Para Andrejew (2007) a escola tem que ser um local interessante. Por isso, conforme o autor as crianças precisam experimentar ambientes diferentes. Conseqüentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, pois o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante às crianças aprenderem a lidar com isso. Carvalho e Meneghini (1998) apontam dois tipos de arranjo espacial de ambiente, que serão discutidos logo em seguida:

Arranjo espacial aberto

Quanto ao arranjo espacial aberto, para Carvalho e Meneghini (1998) neste tipo de ambiente há espaços vazios com poucos móveis, objetos e equipamentos. As crianças brincam ao redor da educadora, solicitando sua atenção o tempo inteiro.

Arranjo espacial semi-aberto

Em se tratando do arranjo espacial semi-aberto, Carvalho e Meneghini (1998) explicam que neste tipo de espaço, os móveis são baixos e há o aproveitamento da quina de duas paredes ou do desnível do solo. Assim, formam-se cantos ou zonas circunscritas, que são áreas delimitadas em três ou quatro lados, sendo que o fechamento de um lado é delimitado pelo material que o educador ou as crianças levam para brincar.

A exploração de espaços com a construção de cantos permite que as crianças possam brincar desempenhando diversos papéis que as ajudem a compreender melhor as situações cotidianas da sua vivência, valendo-se do imaginário. Para tanto os cantos devem ser ambientes que imitam uma casa, com poltronas, móveis, televisão, geladeira e fogão; que imitam um supermercado, com carrinho de compras, embalagens de produtos, computador, telefone, máquina de calcular; que emitem um salão de beleza, com escovas, secador, estojo de maquiagem, espelho, adornos de cabeças, etc..

Carvalho (1998) ressalta que os cantos oferecem proteção e privacidade, auxiliam a criança a prestar atenção e a se concentrar na atividade e no comportamento do colega, aumentam a chance de brincarem juntos e de desenvolverem a atividade por mais tempo.

Carvalho e Meneghini (1998) asseguram que se a criança percebe a presença da educadora, tende a brincar sozinha e com os colegas, mas caso contrário, até cerca de três anos, necessita da proximidade física ou visual de quem dela cuida, para que se sinta segura. Por isso, os cantos são excelentes fontes de aprendizagem, pois permitem que a criança experimente a autonomia, a independência e a interação social, num ambiente seguro e ao mesmo tempo livre.

Para Barbosa e Horn (2001), o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Acreditamos que os espaços precisam ser organizados levando-se em conta as diferentes faixas etárias das crianças, como também suas necessidades de aprendizagem. A seguir, discutiremos a organização dos espaços de acordo com as faixas etárias, levando em conta as necessidades das crianças em função do seu desenvolvimento cognitivo, social e

Organização dos espaços de acordo com as faixas etárias

Como se trata de um local para educar e também cuidar, as escolas que atendem a demanda da Educação Infantil necessitam de áreas para a criança se desenvolver e aprender, ou seja, espaços para brincar, se alimentar, tomar banho, ouvir e contar histórias, dormir, desenhar, colorir e pintar. (JULIÃO, 2007 citada por MIRANDA, 2007)

Barbosa e Horn (2001) afirmam que a dicotomia entre o cuidar e o educar deve começar a ser desmistificada. Para os autores referidos, todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de zero a seis anos, faixa etária atendida pela Educação Infantil. Percebemos que as atividades infantis podem promover cuidados básicos, ao mesmo tempo em que atenta para construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social. Frente a isso, verificamos que o espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades infantis. (BARBOSA e HORN, 2001)

Visto que as crianças menores possuem diferentes necessidades de cuidado e de educação do que as maiores, a seguir abordaremos a organização do espaço em função das faixas etárias dessas crianças.

Crianças com até um ano de idade

Como nas creches e nas escolas da infância a separação dos pais é complicada, um ambiente acolhedor facilita a disponibilidade de adaptação das crianças. (JULIÃO, 2007 apud MIRANDA, 2007)

Consoante Guimarães (2007) citado por Miranda (2007) as crianças menores de um ano de idade necessitam de um espaço físico mais preservado, sem grandes áreas de circulação, sem ruídos, com berços individuais, fraldário e espaço para a socialização.

O Referencial Curricular de Educação Infantil (2004) aponta que nos berçários onde as crianças pequenas e os bebês dormem, a luminosidade deve ser reduzida. Da mesma forma, assinala que os berços, as mesas, as cadeiras e os sanitários, devem ser adequados aos tamanhos das crianças.

No próximo assunto abordaremos a organização do espaço para crianças de outras faixas etárias.

Crianças de outras faixas etárias

Miranda (2007) aponta que o espaço físico de uma instituição voltada ao atendimento de crianças, deve proporcionar:

- **Acessibilidade:** Portas e pisos sem obstáculos para a passagem de carrinhos de bebê, sanitários adaptados ao tamanho da criança;
- **Autonomia:** Equipamentos da altura da criança (bebedouros, maçanetas, vasos sanitários) para que possa agir independente da ajuda do adulto;
- **Ambiente lúdico:** Paredes coloridas, ambiente alegre, acolhedor e estimulante;
- **Segurança:** Disposição dos espaços e equipamentos de maneira a evitar que as crianças se machuquem;
- **Higiene:** Uso de materiais de fácil limpeza (pisos e paredes).

O Referencial Curricular de Educação Infantil (2004) mostra que a organização do ambiente e a disposição de materiais devem ser acessíveis, a fim de facilitar e de promover o desenvolvimento da autonomia da criança. Deste jeito, conforme o referencial citado, as escolas de Educação Infantil quanto aos banheiros devem oferecer vasos sanitários adaptados ao tamanho das crianças, pias e torneiras acessíveis, paredes azulejadas; deve-se dar preferência a iluminação e a ventilação naturais; todo o mobiliário (cadeiras, mesas, quadro e etc.) deve ser adequado ao tamanho da criança, e sem quinas.

Conforme Barbosa e Horn (2001) em um espaço que esteja bem planejado e organizado, é possível que se tenha a interação criança/criança, possibilitando que as crianças socializem e explorem os materiais de forma construtiva. Para tanto, no que tange as crianças maiores de três anos, os cantos servem como excelente forma de organização do ambiente. Tais cantos propiciam

a interação e o faz-de-conta, influenciando a autonomia das crianças quanto às possibilidades de escolha e afetando, de alguma maneira, o que a criança faz ou deixa de fazer.

Para Ferreira-Rosetti e Eltink (1998), quando o ambiente está estruturado com cantos, as crianças se entretêm sozinhas ou com outros amigos. Entretanto, os autores salientam que essa brincadeira mais solta somente ocorre nos ambientes em que à criança possa ver onde está a educadora. Os cantos possibilitam que a criança sintam-se seguras para brincar, pois permitem que de vez em quando os pequenos chequem a presença da educadora. Se as paredes ou os móveis encobrirem a educadora, a criança deixa de sentir tal segurança, e volta a brincar em torno dela.

Desta forma, os cantos para as crianças maiores servem para brincadeiras em grupos, para jogos, atividades plásticas, e de exploração de brinquedos e livros. Para os momentos de repouso, devemos oferecer a criança espaços para o descanso, que pode ser em salas de multiuso, com almofadas, tapete, televisão, DVD e som. Tais salas de multiuso podem se transformar também em salas de artes para ateliê e para atividades que envolvem a fantasia (teatro e fantoches). Esse fato remete novamente a noção de que “[...] o espaço não é algo dado, mas deve ser construído como uma dimensão do lugar pedagógico” [...]. (HORN, 2004, p. 12)

É importante também oferecermos as crianças maiores o acesso à biblioteca, pois mesmo que elas não saibam ler e escrever, uma biblioteca desperta na criança uma vontade de ler e de aprender. Podemos criar então o canto da leitura, com uma estante com livros e revistas que convidem os alunos a entrarem em contato com o universo do letramento. Com a leitura será permitido que a criança sonhe, enfrente seus medos, vença suas angústias, viva outras vidas e conheça outras civilizações.

A seguir, comentaremos sobre os espaços externos, fundamentais para os momentos de recreação, como também para o desenvolvimento motor, já que possibilitam o caminhar, correr, subir, descer e pular, tão importantes para a formação motora infantil.

Ambiente externo

O Referencial Curricular de Educação Infantil (2004) aponta que o ambiente externo é essencial para a aprendizagem das crianças, e que deve ser utilizado permanentemente para as atividades infantis. Quando se fala de ambiente externo, remete-se obrigatoriamente ao pátio da escola.

Sabemos que as instituições particulares possuem maiores infra-estruturas do que as públicas. Como o ambiente externo se trata de uma área muito importante, porque facilita a interação da criança com outras crianças e promove o desenvolvimento motor também, afirmamos que o ambiente externo da comunidade, como uma praça, uma quadra de esportes,

uma rua segura, podem ser otimizados quando as condições que a escola infantil oferece são precárias.

Assim, quanto ao pátio, devemos colocar tanques de areia em local ensolarado, revolvido constantemente e protegido de animais; devemos priorizar pelo uso das sombras em dias muito quentes, por isso, as árvores necessitam ser cultivadas nesse ambiente, para que o parque infantil seja instalado num lugar adequado; podemos enfatizar o cultivo de um pomar e de uma horta, para que as crianças aprendam a valorizar os alimentos e a natureza, a manipular a comida e a adquirir hábitos de cuidados próprios e de higiene.

Para Bonatelli e Pfeutzenreiter (2007) a escola deve ser um ambiente seguro e saudável, para que haja condições básicas de aprendizado. Para as autoras, é sua função zelar pela saúde de todos. Assim, cabe a instituição ensinar alguns hábitos cotidianos, que não fazem parte das populações menos favorecidas. Deste jeito, “precisam ensinar a tomar banho todos os dias, a escovar os dentes antes das refeições, a lavar as mãos antes de comer, consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais, beber água filtrada, higienizar frutas e verduras, não andar descalço, etc.” (BONATELLI e PFEUTZENREITER, 2007)

Segundo Barbosa e Horn (2001), além do ambiente externo da escola, podemos diversificar os lugares das atividades, organizando passeios, entrevistas, contatos com diferentes elementos culturais, tornando esses momentos prazerosos e desafiadores para as crianças, que devem ser convidadas também a organizar o espaço.

Assim, para que as crianças participem também da estruturação da sala de aula e da escola, temos que criar novos sentidos nas relações adulto-criança, famílias-educadoras, pais-filhos e também que haja, por parte dos adultos, uma vontade de experimentar, criar uma outra forma de ver, entender, conviver com as crianças. (BARBOSA e HORN, 2001) A seguir analisaremos a relação família-escola, a fim de constatar como se dá a participação da família na creche e nas escolas da infância.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CRECHE E NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Segundo Horn (2004) o desenvolvimento humano é uma tarefa conjunta e recíproca. Para a autora, no caso da criança em idade pré-escolar o adulto como parceiro mais experiente promove, organiza e prevê as situações em que as crianças e o meio sejam provedoras de desenvolvimento.

Para Barbosa e Horn (2001) o cotidiano das escolas infantis, impregnados de vínculos afetivos em que o adulto tem importante papel de favorecer, de mediar à compreensão e a interpretação do mundo pela criança, necessita do apoio das famílias para melhorar a qualidade do ensino.

Di Santo (2008) explica que quando se abre um espaço para as famílias na escola, colabora-se não somente para a solução de problemas, como também, para o crescimento de todos os envolvidos. Sabemos que devido aos progressos sociais e econômicos, as famílias não dispõem de muito tempo para se dedicar à educação formal dos filhos, o que as leva a passar a responsabilidade de transmitir valores morais e éticos para a escola. Para a autora citada, a escola necessita perceber que a família vem mudando, para que consiga resgatar o seu papel na educação das crianças, e convidá-la a participar com responsabilidade.

Teixeira (2008) assinala sobre a necessidade de fazer com que a família se perceba parte integrante da escola, responsável não somente pela sua criança, mas também pelo planejamento e andamento do projeto político e pedagógico da instituição escolar.

França (2008) afirma que os pais das crianças não devem ser percebidos como figuras ameaçadoras, e sim, como agentes de informação, que apontam aos educadores às necessidades reais de seus filhos e mobilizam-se junto à escola para que possam atender tais necessidades de maneira mais eficiente.

Maimone e Bortone (2001) apontam que a colaboração família-escola tem sido bastante enfatizada como uma das metas da educação do milênio. No entanto, Nunes (2000) citado por França (2008), alerta que para acolher a criança e sua família, é necessário um trabalho coletivo, em que todos se empenham para organizar o ambiente escolar para atingir as necessidades da infância.

Bassi e Giacopini (2007) defendem a idéia da educação participativa. Di Santo (2008) ressalta que para haver participação o clima de trabalho entre família e escola deve ser de respeito, para que se possa construir um espaço de confiança, condição básica para que se valorize um projeto pedagógico onde o diálogo impera.

Broering e França (2007) afirmam que a atitude dos pais acarreta na organização da afetividade de cada criança. Segundo as psicólogas quando os pais participam de forma útil no processo aluno-escola, a criança sente como demonstração de carinho e de afeto, importante para o seu desenvolvimento intelectual-afetivo-emocional. Assim, as reações comportamentais da criança serão resultantes do diálogo entre família e escola.

Grolnick e Slowiaczeck (1994, apud Maimone e Bortone, 2001) descobriram que, se os professores reconhecem que os pais estão mais envolvidos e comprometidos com a vida escolar de seus filhos, atendem melhor o aluno na escola. Ainda, os autores perceberam que se a criança compreende que seus pais estão envolvidos com a sua aprendizagem, são influenciadas por essa atitude e desempenham melhor suas tarefas escolares.

Barbosa e Horn (2001) defendem a idéia de que a comunicação cotidiana entre professores, crianças e famílias assume grande importância, e deve ser apoiada por instrumentos como agendas, diários, cadernos de trabalho. Compreendemos que da maneira sugerida pelas autoras, a

comunicação entre escola e família deve ser rotineira, e não somente naqueles momentos problemáticos e estressantes. Por isso, os professores devem encontrar as famílias para reflexões e considerações, para se falar positivamente do aluno, contar seus progressos e suas realizações.

Contudo, como Di Santo (2008) afirma, precisamos informar a família sobre o desenvolvimento adequado da personalidade infantil, para que aprenda a lidar com a educação formal da criança. Os pais devem saber que podem colaborar com pequenas ações em casa. Por exemplo, lendo para as crianças, elas terão vontade de entrar em uma biblioteca, de retirar um livro, mesmo que não saibam ainda ler. Fato este que demonstra o interesse pela leitura, estimulada pelo meio familiar.

Andrejew (2007) aponta que a comunidade pode melhorar a infra-estrutura e a qualidade do trabalho pedagógico. Os pais podem também utilizar a criatividade, para suprir a carência de recursos. Assim, em união com a escola, podem construir uma pracinha com brinquedos, parque, sala de vídeo e biblioteca, tudo conseguido pelo orçamento participativo da prefeitura.

Não obstante, Miranda (2007) avisa que a participação das famílias e da comunidade não se esgota na construção do edifício escolar e na manutenção da conservação do mesmo. Para a autora a comunidade deve continuar se reunindo para discutir e propor melhorias.

Assim sendo, Di Santo (2008) assinala que a participação dos pais deve ser aproveitada nos Conselhos de Escola. Deste modo, podemos garantir que as decisões que afetam toda a comunidade escolar sejam tomadas por representantes de todos os segmentos, garantindo o exercício para a formação da cidadania, e do espírito coletivo das relações sociais, preparando os alunos a responsabilizarem-se pelos resultados de suas escolhas.

Quando os pais decidem participar da educação formal, criamos uma densa trama de relações. Assim, tanto a família como a escola são construtoras da experiência educativa da infância. Para receber os pais no ambiente escolar, o diretor enquanto gestor da instituição necessita convidar os professores e os funcionários a participar. Por isso, em seguida serão abordadas as contribuições do gestor escolar para lidar com as famílias das crianças, com o corpo docente e também, com a organização dos espaços.

GESTÃO ESCOLAR

Teixeira (2008) aponta que a gestão escolar está se tornando um elemento essencial nas reflexões que buscam mudanças significativas na escola. Para a educadora é necessário realizar uma construção coletiva, que desperte o sentimento de pertencer à comunidade escolar, para que pais, alunos, professores e funcionários possam contribuir para a definição do planejamento pedagógico.

Consoante Teixeira (2008) o gestor escolar atua para reconstruir relações sociais que reforçam uma lógica de autonomia e de pertencimento. Conforme Friedmann (2003) num ambiente flexível o gestor pode organizar, promover relacionamentos, acolher, oferecer mudanças, promover escolhas e atividades, e propor aprendizagens. Para complementar, afirmamos que quando pensarmos em gerir o ambiente escolar, devemos “pensar em interações, conflitos, construção de conhecimentos, inovação, civilidade e emancipação, por serem estes ideais das sociedades contemporâneas”. (TEIXEIRA, 2008, p. 15)

Sabemos que um espaço escolar humanizado, criativo, revisto, forma um clima ideal para a aprendizagem das crianças e para a construção e fortificação do vínculo família e escola. Assim, para fazer da comunidade escolar um espaço de identificação, há de se olhar reflexivamente para ela. Por isso, Bassi e Giacopini (2007) afirmam que o gestor necessita promover na escola iniciativas culturais, educativas e organizacionais, como palestras, encontros e festas, para que a comunidade mantenha contato com as realidades sociais e políticas apresentadas.

Contudo, alertamos que a família somente participará da escola se houver uma abertura para tal. O gestor precisa abrir as portas da escola, deixar tudo transparente para que a família e a comunidade possam compreender como a instituição escolar funciona. Ainda, pontuamos que a escola deve permitir que as crianças e os pais se encontrem no cotidiano, participem juntos das reuniões de pais, para que o sentimento de pertencer à escola realmente se efetive.

Quando a participação da comunidade se amplia, falamos que se trata da gestão participativa, que “[...] envolve além dos professores e outros funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico”. (GESTÃO ESCOLAR, 1999, p. 15)

Na gestão participativa todos os envolvidos com a escola participam do seu processo decisório. Assim, “[...] o êxito depende da ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um todo orientando por uma vontade coletiva”. (GESTÃO ESCOLAR, 1999, p. 15)

Em se tratando da organização do ambiente escolar, quanto à participação da família, o gestor deve promover a conscientização de que famílias e comunidades podem intervir no planejamento da construção do ambiente, localização do terreno, plantas, andamento das obras, escolha do material de acabamento, cores das paredes, mobiliário, brinquedos fixos e móveis, discutidos no projeto político pedagógico da escola. (JULIÃO, 2007 apud MIRANDA, 2007)

O gestor precisa desenvolver nas famílias o papel de observador, para que elas possam checar se as instalações da escola e das salas de aula estão adequadas; se o material escolar está sendo entregue; se os professores estão se capacitando e estão trabalhando com dedicação e com compromisso. Desta maneira, são os pais que juntamente com as crianças poderão apontar as necessidades mais urgentes do ambiente escolar, porque muitas vezes na correria do dia-a-dia o gestor não consegue perceber no todo, questões tão peculiares.

Ainda, o gestor deve conscientizar a família e a comunidade a se envolver com cuidados de higiene da criança; a se comunicar com os docentes sobre os objetivos da escola e o desempenho de seus filhos, sobre a participação dos pais na gestão da escola, e sobre o acompanhamento pelos pais da aprendizagem das crianças. (GESTÃO ESCOLAR, 1999)

Bordoni (2005) pontua que o gestor escolar pode transformar os demais professores da escola em gestores também. Para tanto, o professor gestor deve possuir bases sólidas de conhecimento, ir além dos saberes cognitivos, interessando-se sobre outras áreas. Segundo a autora citada, são características do professor gestor: buscar atualização constante; construir uma imagem positiva de si mesmo, da escola e de seus alunos; planejar suas ações; ser pró-ativo; comunicar-se bem; focar-se onde o aluno e a comunidade estão; estabelecer metas variadas e criar instrumento para cumpri-las; ser participativo e comprometido com a escola e com seus alunos.

Quando gerimos uma escola de modo participativo, promovemos a redistribuição de responsabilidades. Porém valorizamos a aprendizagem dos alunos, pois com a organização da gestão escolar, desejamos que as crianças conheçam o mundo, a si mesmas e a vida; respeitem a opinião alheia; saibam lidar com diferenças; enfim, que por meio da união aprendam a lidar com necessidades individuais e coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão teve como objetivo analisar as contribuições do gestor escolar na organização dos espaços das escolas de Educação Infantil. Para tanto, abordamos também como os espaços organizados influenciam no aprender das crianças, a fim de tomar consciência da importância dos mesmos num ambiente escolar.

Ressaltamos que o espaço educativo não é neutro, pelo contrário, possui suas intencionalidades. Por tanto, pode ser utilizado para as crianças brincarem, aprenderem, respeitarem limites e descobrirem sobre a vida e o mundo. Cabe ao professor testar os espaços para poder verificar se o ambiente é seguro, se desenvolve a autonomia da criança, se promove seu desenvolvimento geral (cognitivo, motor, intelectual e afetivo).

Apesar disso observamos que de nada adianta um ambiente externo e interno impecável, se as crianças das creches e das escolas da infância, e suas famílias, não o perceberem como um local de identificação. Daí a necessidade dos professores e do gestor escolar de compreender que a organização dos espaços deve promover a humanização, o acolhimento, não somente do ambiente em si, como das pessoas envolvidas com ele também.

Constatamos que a criança apresenta maior disponibilidade interna quando percebe que seus pais se importam com seus estudos, e que os professores ensinam melhor, trabalham mais

felizes, quando percebem que a família está do seu lado nessa arte de ensinar. Para a criança o sucesso na escola virá com naturalidade, porque tendo o professor e a família lhe assistindo, a aprendizagem ocorrerá com toda certeza.

Como a sociedade vive num período historicamente muito importante; como estão se criando um fato cultural novo, que é o de constituir mudanças nas políticas de educação para a primeira infância, tendo como premissa qualificar as creches e as pré-escolas e incluir as crianças pequenas com cidadãs no espaço social em que vivem; sabemos que convidar famílias, alunos, funcionários e a comunidade a participar desse processo, deve ser algo de extrema prioridade.

Assim, o gestor escolar tem como principal contribuição para a organização dos espaços, enquanto espaço físico e espaço relacional, desenvolver nos professores, nos funcionários, nos pais e na comunidade o sentimento de pertença à escola. A partir do momento que o olhar do outro se depara com a realidade da escola, mudanças serão exigidas, propostas serão negociadas, sempre se levando em contas as necessidades da criança.

Acreditamos que o gestor escolar em uma creche ou em escolas infantis tem como principal papel trabalhar com os recursos humanos. Para tanto, todas as condutas da escola necessitam se voltar à humanização. Então, é preciso parar e refletir sobre como os espaços estão sendo organizados. Desta forma, devemos começar por mudanças pequenas, mas de grande significância, do tipo trocar as colheres por garfos, os pratos e os copos de plástico por de vidros, os grandes painéis de ferro por travessas, dentre outras. Quando se começa a mudar gradativamente, às resistências as mudanças e ao novo diminuem, e o clima fica muito mais harmonioso do que quando algo é imposto e obrigatório.

O gestor escolar deve ter como referência o *feedback* da família e do seu quadro docente, pois como as crianças atendidas pela Educação Infantil são pequenas, esse time de aliados proporcionará informações necessárias sobre como a criança se sente, no espaço que ela ocupa.

Assim, percebemos que na gestão participativa, as famílias, os professores, os funcionários e qualquer outro representante da comunidade, utilizando a criatividade para suprir a carência de recursos ou angariando fundos no orçamento participativo da prefeitura, podem melhorar a infraestrutura, investindo nas salas de aula, na construção de parque com brinquedos, sala de multiuso e biblioteca. Também podem trabalhar pela qualidade do trabalho pedagógico e na discussão do projeto político pedagógico da escola.

Como sugestão de pesquisa futura, valemos da idéia de investigar junto às famílias sobre a opinião delas no que tange a organização dos espaços. Desta maneira poderemos avaliar a concepção que os adultos possuem sobre o espaço infantil. Sabemos que muitos deles não reconhecem a importância de um ambiente lúdico para a aprendizagem das crianças; também acham que a Educação Infantil não é fundamental, colocando os filhos na primeira série direto. Assim, analisando a opinião dos pais poderemos criar estratégias de intervenção nas escolas, para que a real importância da Educação Infantil seja vista e compreendida verdadeiramente.

REFERÊNCIAS

ANDREJEW, E. (2007). Escola contribui para mudar realidade no Rio Grande do Sul. In: **Revista Criança do Professor da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação da Educação Infantil.

BASSI, L.; GIACOPINI, B. E. (2007). Regia Emília: Uma experiência inspiradora. In: **Revista Criança do Professor da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação da Educação Infantil.

BARBOSA, M. C. da S.; HORN, M. da G. S. (2001). Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, M. C.; KAERCHER, G. E. P. da S. (org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed.

BONATELLI, V. de M.; PFEUTZENREITER, M. R. (2007) A prevenção ainda é o melhor remédio. In: **Mundo Jovem: Um Jornal de Idéias**. Porto Alegre: ano 45, n. 379, ago.

BORDONI, T. O professor gestor – por onde começar? **Profissão Mestre**. Disponível em: <http://www.profissaomestre.com.br/smu/smu/smu_vmat.php?s=501&vm_idmat=988>. Acesso em: 22/07/2005 às 21h e 54 min.

BROERING, C. V.; FRANÇA, G. R. (2007). Caso clínico: avaliação psicológica de uma criança com capacidade lúdica inibida. **Psicologia. Com. Pt**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 15/04/2008. Publicado em 2007.

CARVALHO, M. C. de. (1998). Por que as crianças gostam de áreas fechadas? In: FERREIRA-ROSETTI. C. M. (org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez.

CARVALHO, M. C. de; MENEGHINI, R. (1998). Estruturando a sala. In: FERREIRA-ROSETTI. C. M. (org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez.

CARVALHO, M. I. C. de; RUBIANO, M. R. B. (1996). Organização do espaço em instituições escolares. In: OLIVEIRA, Z. de M. R. de. (org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 3. ed. São Paulo: Cortez.

DAVID, T.G.; WEINSTEIN, C. S. (1987). The built environment and children's development. In: Weinstein, C. S. & David, T.G. **Spaces for Children – The built Environment and Child Development**. New York: Plenum.

DI SANTO, J. M. R. Família, escola e suas responsabilidades. (2008). In: **Mundo Jovem: Um Jornal de Idéias**. Porto Alegre: [s.e.], ano 46, n. 384, mar.

FERREIRA-ROSETTI, C. M.; ELTINK, C. F. (1998). Relação afetiva, assunto de berçário. In: FERREIRA-ROSETTI, C. M. (org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez.

FRANÇA, G. R. (2008). A atuação do psicólogo na transição escolar e suas contribuições para a gestão democrática na escola. **Psicologia.Com.Pt**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 15/04/2008. Publicado em 2008.

FRAZATTO, L. (1998). Pensando a disciplina. In: FERREIRA-ROSETTI, C. M. (org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez.

FRIEDMANN, A. (2003). Organização do ambiente: educador cria condições de mudanças no espaço-tempo do aprender. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre: [s.e.].

GESTÃO ESCOLAR, (1999). Universidade Federal de Santa Catarina. Laboratório de Ensino à Distância. Florianópolis: UFSC.

HORN, M. da G. S. (2004) **Sabores, cores e aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed.

MAIMONE, E. H.; BORTONE, M. (2001). Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos em séries iniciais. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas: [s.e.].

MIRANDA, A. (2007). Arquitetura e educação: juntas por uma educação infantil melhor. In: **Revista Criança do Professor da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação da Educação Infantil.

OLIVEIRA, Z.M.R. et al. (1992). **Creches, Crianças, Faz-de-Conta & Cia**. Petrópolis: Vozes.

REFERENCIAL CURRICULAR PARA A REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE ITAJAÍ. (2004). 2. ed. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, Secretaria Municipal de Educação.

TEIXEIRA, L. M. (2007). Gestão e planejamento nas organizações escolares. In: **Mundo Jovem: Um Jornal de Idéias**. Porto Alegre: ano 46, n. 383, fev.